

## **A materialização dos corpos na concepção de Judith Butler: o paradigma da globalização**

*The materialization of bodies in the conception of Judith Butler: the paradigm of globalization*

Janiel Ferraz Souza

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

[ferrazjaniel1004@ufpi.edu.br](mailto:ferrazjaniel1004@ufpi.edu.br)

<http://lattes.cnpq.br/0457240479918022>

### **Resumo**

O seguinte trabalho tem como objetivo retratar a materialização dos corpos na concepção de Judith Butler, a partir da influência de Michael Foucault e como isso se dá contemporaneamente. O texto *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo* (2019), retrata todo o movimento em torno da materialização do corpo através do pensamento de Butler, e das relações de poder perpetuadas historicamente por meio de discursos restritivos e normalizadores sobre os corpos. Será abordado também como a tradição filosófica influenciou nesse processo. Veremos como isso tudo reflete na materialização dos corpos atualmente a partir de um cenário globalizado, pois sempre houve, ao longo da história, um movimento de abstração do mundo real, no qual esqueceu-se de pensar a partir das vivências sociais dos próprios sujeitos, tendo em vista que todo o corpo estrutural da filosofia foi desenvolvido no continente europeu, onde os autores tinham claramente uma definição de subjetividade e de indivíduo, sendo o homem branco, e com direcionamento ao aspecto racional, desde a Grécia antiga, até o movimento iluminista. As mulheres, o povo negro, os LGBTQIAPN+ e deficientes fugiam desse padrão estabelecido na época, dessa forma, eram invisíveis à reflexão e estavam colocados como abjetos. Torna-se importante pensarmos o processo de materialização a partir de novos prismas, como a globalização por exemplo. Esses são alguns fatores que refletem e refletirão no processo de materialização dos corpos e na construção de subjetividades hodiernamente, assim como no futuro.

**Palavras-chave:** Judith Butler. Michael Foucault. Corpo. Materialização.



## Abstract

The following work aims to portray the materialization of bodies in Judith Butler's conception, from the influence of Michael Foucault and how this happens contemporaneously. The text *Bodies that matter – the discursive limits of sex* (2019), portrays the entire movement around the materialization of the body through Butler's thought, and the power relations historically perpetuated through restrictive and normalizing discourses about bodies. It will also be discussed how the philosophical tradition influenced this process. We will see how this all reflects on the materialization of bodies today from a globalized scenario, as there has always been, throughout history, a movement of abstraction from the real world, in which people forgot to think from the social experiences of the subjects themselves, bearing in mind that the entire structural body of philosophy was developed on the European continent, where the authors had a clear definition of subjectivity and the individual, being the white man, and with a focus on the rational aspect, from ancient Greece to the Enlightenment movement. Women, black people, the LGBTQIAPN+ and the disabled deviated from this standard established at the time, thus, they were invisible to reflection and were placed as object. It becomes important to think about the materialization process from new perspectives, such as globalization, for example. These are some factors that reflect and will reflect in the process of materialization of bodies and in the construction of subjectivities today, as well as in the future.

**Keywords:** Judith Butler. Michael Foucault. Body. Materialization.

## Introdução

O seguinte trabalho tem como objetivo retratar a materialização dos corpos na concepção de Judith Butler, a partir da influência de Michael Foucault, e como isso se dá contemporaneamente. Torna-se importante frisar que a materialização do corpo que Butler aborda no texto *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo* (2019), faz referência à importância desse corpo no âmbito social, não no aspecto físico da matéria, como ficará mais claro adiante.

Judith Butler nasceu em 24 de fevereiro de 1956, nos Estados Unidos. Ela foi responsável por compor uma das principais teorias da contemporaneidade do feminismo e da teoria queer, além disso, também escreve sobre filosofia política e ética. Butler é uma pesquisadora pós-estruturalista e herdeira do pensamento foucaultiano, principalmente no que se refere ao que o autor francês entende por poder e subjetividade.

Michael Foucault (1926-1984), além de filósofo, exercia a função de historiador das ideias, era teórico social, filólogo, crítico literário e professor. Em suas teorias ele aborda a relação existente entre poder e conhecimento e procura definir como eles são utilizados visando o controle social e utiliza como ferramenta as instituições sociais. O filósofo também traz uma ideia de relações de poder que ocorrem de forma unilateral entre os indivíduos, é a partir dessa teoria que Butler desenvolve o seu projeto referente aos corpos que importam, sendo eles aqueles que possuem materialidade, ou seja, são reconhecidos e existem socialmente, já os que não importam são caracterizados por não possuir matéria, então não existem no âmbito social.



Em contrapartida ao exposto, nota-se que esses corpos são capazes de estabelecer-se através de uma relação performativa heterossexual. Para conseguirmos entender de maneira mais clara foi traçado um referencial histórico, a fim de percebermos em que lugar da história se encontra o pensamento dos dois autores dentro de uma tradição filosófica.

O ponto central da pesquisa é a questão do corpo, algo que não foi trabalhado na tradição filosófica, pois essa se preocupou, em primeiro plano, com questões abstratas e metafísicas. Posteriormente, houve o rompimento dessa tradição por parte de vários pensadores, sendo um deles Foucault, passando para um outro momento da filosofia, em que os pensamentos de Butler começam a aflorar. E por fim, a partir do entendimento do problema relatado pelos autores, se pensará a problemática da materialização dos corpos hodiernamente.

Para embasar tal estudo serão utilizados posicionamentos que se encontram presentes na obra *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo* (2019), da escritora Judith Butler, em consonância com a obra *Microfísica do poder* (2017), de Michael Foucault, com o objetivo de entender-se de maneira conceitual como essas relações de poder constroem subjetividades, ou seja, como elas moldam as relações interpessoais, engendrando o corpo social e seus componentes nessa rede capilar de micro poderes.

Serão utilizadas informações atuais fornecidas por jornais e revistas como as de Godoi (2022), que traz fatos sobre a violência sofrida por crianças com deficiência, Acayaba e Arcoverde (2022), que mostram estimativas recentes sobre o feminicídio no país, Silva (2022), que relata a maior probabilidade de pessoas pretas serem mortas, e Carvalho (2023), que fornece dados relacionados à violência sofrida pela população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binário). Ademais, para refletir o lugar que se encontra estes corpos contemporaneamente, será trabalhado Okumura (2023), que aborda o fato sobre o assassinato de uma mulher preta, reportagem da redação do *Estadão*(2020), sobre a violência sofrida por corpos deficientes, assim como, Velasco(2023), em conjunto com mais três editores, sobre a violação contra o corpo da mulher. Dentre outras pesquisas complementares sobre a invisibilização que incide sobre os corpos marginalizados. A partir desse estudo será possível perceber como se dá o conceito de abjeto e a maneira que ele se perpetua diante do mundo globalizado, citando exemplos de casos que refletem claramente o lugar de abjeção que os corpos que fogem ao padrão sofrem nesse cenário.

## Referencial histórico



O movimento filosófico tradicional desde os primórdios buscou solucionar o problema da origem de tudo.

Tales de Mileto (fim do VII - primeira metade do séc VI a.c) é o criador, do ponto de vista conceitual (mesmo que não ainda do ponto de vista lexical), do problema concernente ao princípio (*arché*), ou seja, a origem de todas as coisas. O "princípio é, propriamente, aquilo que permanece imutável mesmo nas várias formas que pouco a pouco assume. Tales identificou o princípio com a água, pois constatou que o elemento líquido está presente em todo lugar, em que há vida, e onde não existe água não existe vida (REALE, 2003, p.17).

A busca pelo *arché* (princípio) do universo foi o motor que impulsionou o nascimento da filosofia. Os primeiros filósofos, chamados pré-socráticos ou filósofos da natureza, buscavam o princípio da *physis* (natureza), e tiveram como referência e principal influência Tales de Mileto (624-546 a.C), que argumentou que o princípio de tudo é a água. Tales é considerado o primeiro filósofo responsável pela fundação da escola Jônica, que foi a grande escola filosófica do pensamento pré-socrático.

Outros pensadores importantes da era pré-socrática são Parmênides (530-460 a.C) e Heráclito (500-450 a.C), sendo que o segundo ainda estava imerso na base que motivou todos os pré-socráticos, como Anaximandro (610-546 a.C) e Anaxímenes (588-525 a.C), que assim como Tales, acreditavam em um princípio para o *cosmos*. Heráclito acreditava que o princípio de tudo estava no fogo. No entanto, ele não acreditava que o fogo era o elemento que definia o cosmos, e sim na impossibilidade de manter uma verdade pura e imutável, estável, pois tudo está em constante mudança, inclusive os seres humanos.

"Tudo se move, tudo escorre, nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta sem exceção" (REALE, 2003, p.23). Para o autor, esse movimento não ocorre de modo caótico, mas está sempre em um movimento de um extremo a outro, como do quente ao frio. O mesmo atribui ao fogo a *arché*, exatamente por que observa um dinamismo racional neste, pois quando está queimando, destruindo, modificando, ainda assim mostra uma certa unidade na chama.

Todas as ideologias dos filósofos da natureza surgiram a partir de uma análise das relações humanas no contexto da época, seja a relação dos homens com os deuses, com os mitos, e até a própria intersubjetividade dos indivíduos em sociedade, uma vez que Gregos, Bárbaros e mercantes, pertenciam a esse meio social. Enfim, todos esses fatos surgem no âmbito de uma grande diversidade de discursos e de relações interpessoais, por isso a busca da *arché* na *physis*.

"O ser não pode não ser, o não ser não pode ser e o devir não existe" (PARMÊNIDES *apud* REALE, 2003, p.32). Parmênides é antagônico a Heráclito. Ele foi um dos pensadores que rompeu



com aquilo que se iniciou no processo de busca de conhecimento sobre o cosmos. Para o pensador, o princípio de tudo não poderia ser encontrado na natureza, por que, como afirmou Heráclito, esta se encontra em constante mudança e está infectada por vários discursos, sendo a maioria deles falsos.

Portanto, Parmênides sugere que o princípio de tudo só é possível fora da natureza e do mundo físico, é algo metafísico que deve ficar longe das diversas opiniões. Ele chamou esse ponto referencial do conhecimento verdadeiro de “razão”, que possui como principais características a imutabilidade, universalidade, unidade e atemporalidade, pois o mesmo acreditava que só assim o verdadeiro conhecimento sobre o mundo poderia ser alcançado, saindo de todo esse movimento que se encontra dentro dele. Aqui é perceptível o movimento de mudança do pensamento filosófico, há o início de um movimento de abstração do princípio de tudo a ser conhecido, iniciando, dessa forma, o abandono ao aspecto natural no norte de pensamento da filosofia.

Platão foi, em grande parte do seu pensamento, influenciado por Parmênides. O mesmo trouxe para o campo da filosofia, de forma exclusiva, a teoria dos dois mundos, o mundo das ideias, onde reside as verdades únicas e imutáveis, e o mundo sensível, da multiplicidade das coisas, do movimento e da matéria. De acordo com o autor, no segundo mundo encontram-se somente cópias de ideias que verdadeiramente só existem no primeiro, fora dessa multiplicidade de discursos, coisas e opiniões. Neste ponto vemos uma grande influência de Parmênides.

Platão (427-347 a.C.) faz a seguinte afirmação: “o corpo é cárcere da alma”, pois nessa divisão entre dois mundos o pensador coloca a alma na dimensão do mundo das ideias e o corpo no mundo sensível dos sentimentos. Para o filósofo existe a ideia de homem metafisicamente no mundo das ideias, boa, única e perfeita, e o que existe no mundo sensível são apenas cópias, simulacros, moldados em uma matéria que antes de ser plasmada era uniforme.

Segundo ele, esse corpo, no processo de plasmagem, aprisiona a alma que é pura e boa, já o corpo é ruim e reduzido a nada no processo do conhecimento verdadeiro. Platão foi um dos filósofos mais importantes do movimento tradicional filosófico que contribuiu muito para uma construção marginalizada do corpo dentro da filosofia. Posteriormente, a discussão sobre o corpo continuou invisível diante dos pensadores.

Na idade medieval, surgiu a definição de divindade, Deus como o definidor e norteador de tudo, o sumo bem. Com isso, surge novamente um apelo a algo metafísico, fugindo sempre do campo do real, do social, onde os corpos se constituem e se materializam. Outro autor importante para se pensar a construção dos corpos é René Descartes (1596-1650).



Descartes divide as ideias em ideias inatas, isto é, as que encontramos em nós mesmos, nascidas junto com a nossa consciência; ideias adventícias, isto é, as que vêm de fora de nós e nos remetem a coisas inteiramente diferente de nós; ideias factícias ou construídas por nós mesmos. Descartando estas últimas como ilusórias, por que são quiméricas ou construídas arbitrariamente por nós mesmos (REALE, 1990, p.371).

O autor faz uma divisão das diferentes ideias a partir da afirmação do eu pensante como existente verdadeiramente. Neste ponto, o autor se difere um pouco de Platão, que exerceu grande influência sobre seu pensamento, colocando as ideias adventícias e factuais a partir do próprio "Eu cogito". No entanto, continua atribuindo o valor de verdade somente às ideias inatas, assim como o filósofo grego, onde o mundo físico e sensível ao qual o corpo pertence não é seu ponto de partida para o conhecimento, este apela novamente para razão, ocorrendo repetidamente uma fuga do real.

Com Immanuel Kant (1724-1804), grande expoente do iluminismo, com fomento na busca pela razão suprema, há um rompimento com a metafísica tradicional, fugindo dessa busca do conhecimento somente fora do mundo físico, e fazendo uma fusão entre racionalismo e empirismo. Nesse momento o indivíduo, mais do que na perspectiva cartesiana, assume a autonomia do conhecimento. Para Kant, o conhecimento só é possível através da intuição subjetiva, juntando juízos *a priori*, que se encontram na dimensão transcendental, e juízos *a posteriori*, que se encontram no mundo físico.

No entanto, ele continua com o problema de pensar o indivíduo social, as relações diversas e, os movimentos que norteiam o campo social continuam subjugados. A busca por princípios basilares para se obter o conhecimento sem um retorno para o real tem continuidade e isso fica claro na obra *Metafísica dos costumes* (1797), na qual Kant faz uma proposta de princípios éticos metafísicos, uma moral por meio de um imperativo categórico, que se aplicaria a todo e qualquer indivíduo racional no universo.

Kant, assim como todo o movimento filosófico tradicional, que tem como grande expoente o iluminismo, ao criar essa ideia exacerbada do indivíduo racional, acabou por subsumir outros corpos que foram invisibilizados historicamente, colocando-os como invisíveis e impedidos de estarem imersos no debate. O pensamento ocidental ao buscar sempre este conhecimento racional, acabou deixando à margem a discussão sobre o corpo.

### **A materialização dos corpos**

O movimento da filosofia tradicional procura um elemento único e norteador do universo, sempre na busca a partir de uma mega estrutura. O movimento pós-moderno aflora exatamente com



a pretensão de superar este estruturalismo. Um dos autores mais importantes do movimento pós-estruturalista é Michael Foucault.

Admite-se que o estruturalismo tem sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia mas de uma série de outras ciências e até da história, o conceito de acontecimento. Eu não vejo quem possa ser mais anti-estruturalista do que eu. Mas o importante é não se fazer com relação ao acontecimento o que se fez com relação à estrutura (FOUCAULT, 2017, p.06).

Para Foucault, o grande problema das estruturas é porque proporcionam uma visão analítica do próprio indivíduo com relação aos diversos discursos que moldam sua subjetividade. Este faz duras críticas à ideia de um Estado soberano no qual há a existência de um poder totalitário. Para ele, no interior das sociedades, o que existe são redes de micropoderes que são construídas historicamente por meio dos diversos discursos que são impostos de forma unilateral entre os agentes históricos.

Essa rede, segundo Foucault, tem papel fundamental nas relações intersubjetivas dentro do campo social. A imposição desses discursos é capaz de moldar e constituir as subjetividades de cada pessoa, uma vez que tais discursos são construídos historicamente e vão criando dispositivos de controle que são a síntese desses micropoderes. Esses dispositivos estão ligados à religião, família, cultura, enfim, diversas instituições que têm influência na construção desses discursos restritivos. É nesse ponto que Judith Butler mais ‘bebe’ na fonte do pensamento de Michael Foucault.

O homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma prisão do corpo (FOUCAULT *apud* BUTTLER, 2019, p.70).

No fragmento acima a autora explora a ideia de esquema corporal. Segundo Butler, antes de nascer o corpo já está sendo materializado, construído pelos dispositivos de poder. O sexo não é algo natural, mas sim algo construído socialmente e, por isso é o que norteia os discursos restritivos, pois, segundo ela, a construção dos corpos é a partir do sexo. No exposto acima Butler destaca que o esquema corporal já está dado socialmente a partir do padrão sexual heteronormativo, pois há designações de como um corpo do gênero feminino ou masculino deve agir socialmente.

[...] nesse sentido o que constitui a fixidez de um corpo, seus contornos seus movimentos, será algo totalmente material desde que a materialidade seja repensada aqui como o efeito mais produtivo do poder. Não há forma alguma de entender o “gênero” como um constructo cultural imposto sobre a superfície da matéria, seja ela entendida como “o corpo” ou como seu suposto sexo. Ao



contrário, uma vez que o “sexo” em si é entendido em sua normatividade, a materialidade do corpo já não pode ser pensada separadamente da materialização dessa norma regulatória. Portanto o “sexo” é não apenas o que se tem ou uma descrição estática do que se é: será uma das normas pelas quais o “sujeito” pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2019, p. 21).

O corpo, para Butler, é constituído materialmente a partir do sexo, isso fica claro no enunciado acima. A partir do momento que se revela o sexo de uma criança, por exemplo, já se começa a construir o esquema corporal ao qual ela vai pertencer. Este seria como a alma à qual o corpo estaria preso, o indivíduo só passa a existir após estar imerso nesse esquema, sendo nada mais que um plano, um programa construído pelos dispositivos de poder, pautados em um padrão performativo heterossexual e perpetuado historicamente pelas diversas instituições, principalmente a religião e a família.

Esse esquema corporal é responsável por constituir tanto os corpos objetos, que possuem materialidade, ou seja, corpos que importam que atendem ao padrão heteronormativo e àquilo que foi citado inicialmente com relação ao padrão ideal constituído na Europa, homem branco, e com características físicas atreladas à sua cultura, quanto corpos que não importam, que não possuem materialidade, o que Butler chama de corpos abjetos.

Recebemos uma produção diferenciada do humano. E recebemos acho eu uma produção do abjeto. Então não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (BUTLER, 1998, p.162).

Para a autora, o corpo abjeto é aquele que se encontra invisível, como inexistente no movimento histórico e incapaz de ter papel efetivo no campo discursivo. Isto é, o que ela está problematizando e definindo como sem materialidade, não é o corpo no sentido físico de existir, mas sim social, como sujeito ativo no discurso. Esse papel de abjeto foi amplamente alimentado pela tradição que sempre deixou de lado esses movimentos micropolíticos que surgiram dentro da agenda anti-estruturalista. Os corpos que fogem ao padrão estabelecido socialmente através dos discursos são todos considerados abjetos, sendo eles, o corpo do negro, LGBTQIAPN+, da mulher, do deficiente, dentre outros.

O padrão identitário a partir da heterossexualidade, segundo Butler, é o maior responsável pela exclusão e abjeção de corpos. Quaisquer corpos que fogem a essa identidade heterossexual são



excluídos, marginalizados, passando a uma categoria do impensável, do inenarrável, porque são tudo aquilo que se abomina e se quer longe.

Apesar do esquema definir um padrão performativo heterossexual, o corpo pode sair desse programa, ou seja, assumir outra identidade, porém, ao fazer esse processo novamente, ele se enclausurará em outro esquema corporal. Se um sujeito resolve assumir sua homossexualidade ele sairá do padrão performativo hetero e passará ao homo, mas este novo padrão também tem suas normas restritivas. Então, ao assumir uma identidade, o corpo terá que desempenhar a performatividade referente ao rótulo identitário ao qual ele pertence.

Se o gênero é a construção social do sexo e se não há o acesso a esse "sexo" exceto por meio de sua construção, então parece que além de o sexo ser absorvido pelo gênero, o "sexo" se torna algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalada em um local pré-linguístico para onde não existe acesso direto (BUTLER, 2019, p.26).

Para Judith Butler, assim como para Foucault, as relações intersubjetiva só são possíveis na dimensão da linguagem. O sexo, de acordo com a aurora, é um construto social exercido pelos inúmeros discursos, é ele quem forma o gênero ao se revelar a sexualidade de um bebê, no entanto, após algum tempo, na dimensão material e social, este "sexo" pode se modificar, quebrando assim um esquema corporal.

Diante desse cenário, a autora põe em evidência a possibilidade de não linguagem do sexo que constitui o gênero, ou seja, fictício, visto que o que se excede à linguagem passa a ser inexistente e até mesmo "impensável", pois é impossível definir de forma discursiva. Portanto, o sexo fundamenta o gênero, que fundamenta o sexo, e o prefixo primeiro passa a não existir. Toda a constituição social a partir do sexo tem como base uma premissa falsa, que é absorvido por outra categoria, o gênero, que passa a produzi-lo.

### **Resultado e discussão no cenário globalizado**

Contemporaneamente, levando em consideração tudo o que foi abordado até agora, é importante pensarmos o processo de materialização dos corpos a partir de novos prismas, como a globalização por exemplo. Os corpos que fogem ao padrão heteronormativo e europeu, os quais vamos trabalhar nesse cenário, são os corpos das mulheres (violência de gênero), dos LGBTQIAPN+ (violência de cunho sexual), dos negros (violência racial) e dos deficientes (capacitismo).



Uma pesquisa realizada pelo *GI* em parceria com o *Núcleo de Estudos da Violência da USP* (NEV-USP), publicado no dia 08/03/2023, data em que é comemorado o dia da mulher, sob o título *Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas*, revela que o número de vítimas de feminicídio cresceu 5% em relação a 2021. Foram 1,4 mil mortes motivadas pelo gênero. Este número é o maior registrado no país desde que a lei de feminicídio entrou em vigor em 2015.

Butler e Foucault acreditam no poder como normatizador das relações sociais. Os dados abordados acima exemplificam bem como essas relações constroem corpos abjetos. O número pode ter aumentado pelo crescimento das denúncias, produto indireto da globalização, que aumentou o acesso do maior número de pessoas à informação, mas também pode ter se dado, exclusivamente, pelo aumento da violência contra esses corpos. A sociedade ocidental é construída sob preceitos machistas perpetuados por uma série de discursos historicamente, sendo que somente por intermédio de políticas públicas de combate a tais padrões consolidados é que pode haver de fato modificações no *status quo*.

O homem nesse movimento está confortável, pois o movimento machista deve ser combatido pelas mulheres, porém a normalização desse discurso é tão forte que as próprias mulheres acabam reproduzindo atitudes machistas. O corpo da mulher é colocado à margem da sociedade historicamente, tendo sua imagem voltada para o ambiente doméstico. É importante pensarmos em como esse movimento feminista está sendo trabalhado nesse cenário globalizado, para que não ocorra um movimento contrário ao buscado, que é a mitigação do abismo entre o corpo da mulher e os discursos sociais.

Ambientes de discussão sobre esse tema são importantes. No entanto, um local como a universidade, no qual o debate em busca de solucionar e refletir sobre esses discursos normativos, protagoniza cenas que transmitem o que a sociedade passa diariamente no nosso país. Como no caso relatado pela reportagem do *Estadão*, publicada no último dia 30/01/2023, que relata já no título da matéria, *Universitária é morta após ser estuprada e ter pescoço quebrado em calourada no Piauí, diz polícia*. A reportagem relata que a estudante da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Janaina Bezerra da Silva, de 21 anos, foi morta no sábado, 28/01/2023, durante uma calourada nas dependências da universidade, de acordo com a polícia a jovem foi vítima de estupro seguido de morte, o suspeito foi preso em flagrante.

Estes discursos estão imersos em todas as relações, é uma teia que está contida em ambientes como o universitário, no qual o debate é para a superação desses diversos padrões



construídos. O corpo da mulher é sempre colocado na posição de abjeção, de subjugação. No caso citado anteriormente, ao invés de os questionamentos serem direcionados ao agressor foram focados na vítima, trazendo perguntas do por que ela estava com o agressor, por que estava bebendo, são feitos questionamentos até em como é o vestuário da vítima no momento da agressão. O esquema corporal, colocado por Butler é exatamente este, delimita a partir do gênero como o corpo deve agir, e isto é utilizado por uma sociedade machista para justificar agressões hediondas como a que ocorreu com Janaina.

Em 21/11/2022, a revista *Veja* publicou um estudo realizado pelo *Instituto Sou da Paz*, sob o título *Violência armada e racismo*, mostrando que as principais vítimas de arma de fogo na sociedade brasileira são as pessoas negras. As estatísticas são de 2012 a 2020, presentes no Datasus e no sistema de informações sobre mortalidade. A análise constatou 338.000 cidadãos negros mortos, sendo 75% por arma de fogo. No ano de 2020, 80% das vítimas de violência armada foram homens negros. Pretos tem 350% mais chances de serem assassinados por armas de fogo do que pessoas brancas.

Na periferia social do Brasil, assim como na dos discursos sociais, outro corpo violado e invisibilizado do diálogo no campo social, é o corpo preto. O mito da democracia racial brasileira, a falsa ideia de uma igualdade entre pretos e brancos no Brasil, dificulta ainda mais a imersão destes corpos no debate sócio-cultural. O padrão de indivíduo eurocêntrico reflete diretamente nos dispositivos que moldam o campo social e as inter relações nele incluídas. O corpo preto tem sobre si uma condição imagética totalmente negativa, na qual sente a repulsa, os preconceitos e a abjeção a todo momento, tanto por olhares quanto por comportamentos e atitudes.

A estimativa citada acima só reflete esse lugar de abjeto ocupado pelo corpo preto nesse cenário globalizado. A globalização prolifera discursos que refletem diretamente em diversos sentidos no comportamento social das pessoas. Um exemplo é uma reportagem publicada pelo portal de notícias *GI*, no dia 01/03/2023, *Vereador de Caxias do Sul que fez discurso contra baianos é expulso de partido*, o texto da matéria se refere às falas do vereador Sandro Fantinel, PATRIOTAS-RS, que proferiu as seguintes palavras "não contratem mais essa gente lá de cima", ao se referir aos mais de 200 funcionários que foram resgatados de alojamento onde eram submetidos a situação análoga à escravidão, em sua maioria baianos.

Hodiernamente, com as informações se movimentando de maneira muito rápida, os sentidos de tal discurso carregado de preconceitos é imensurável, a pessoa, na concepção foucaultiana, está



sempre nesse movimento de definir para qual sentido deve se direcionar. Os dispositivos pelos quais tais discursos se propagam, são muito mais eficazes nesse cenário ao qual estamos imersos.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, que produz conteúdos a todo instante em diversas mídias sociais. Atualmente, os discursos normalizadores que marcam esses corpos abjetos, estão cada vez mais em ascensão. Casos de racismo sofridos por jogadores e torcedores tem se tornado cada vez mais comum nesse esporte.

Em reportagem veiculada pelo *Ge.Globo*, em 24/05/2023, que aborda o tema, *Racismo contra Vinícius Júnior*, é possível observar como os dispositivos de exclusão, de abjeção, estão em todos os ambientes. O atacante brasileiro Vinícius Júnior, no auge da sua carreira, atualmente atacante de um dos maiores clubes do mundo, o Real Madrid da Espanha, é vítima constantemente de ataques, insultos e diferentes níveis de racismo a anos, desde quando jogava no clube do Flamengo até o momento, onde se encontra sendo jogador do Real Madrid. Os casos, no entanto, tiveram seu estopim no dia 21/05/2023 em partida contra o Valencia, válida pela Liga Nacional Espanhola (La Liga).

Os casos de racismo contra Vinícius foram vários desde que ele chegou na Espanha. O dispositivo de exclusão do diferente, do outro, do impensável está explícito para todos, o grande problema se dá na normalização desses discursos, pois, nesse momento o sentido normativo de abjeção ganha força e torna-se irreversível. O mundo globalizado permite que estes movimentos de exclusão sejam transmitidos de modo imediato e massivo. O imaginário social sobre o corpo preto pode ser influenciado em vários sentidos, ou conscientizando criticamente, ou produzindo cada vez mais pessoas racistas.

Na data de 19/01/2023, o veículo de comunicação *O globo*, publicou os dados de um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no qual no ano de 2022, 256 pessoas do grupo LGBTQIAPN+ foram mortas ou se suicidaram. Os dados mostram 242 homicídios e 14 suicídios em 2022. A região nordeste é a mais inóspita, com 43,3 % das mortes, ou 111 casos. A pesquisa aponta que os gays são 52% das vítimas, seguido pelo grupo formado por travestis e transexuais, com 42,96%. A maioria dos óbitos foi de jovens entre 18 e 29 anos (43,7%).

O peso de assumir uma identidade diferente da relação binária de gênero é incalculável. Se a pessoa tem um corpo hétero e passa a ter um corpo gay ou lésbico imediatamente ele começa a ocupar um lugar de abjeção, tornando-se algo incomum, impensável. A primeira instituição que coloca sobre este corpo o peso da abjeção é a própria família, pois assumir uma nova identidade passa a ser um crime contra tudo aquilo que a família esquematizou para este indivíduo. Esses



discursos impostos no seio familiar têm muita influência e servem como base para impor valores religiosos que fomentam a homofobia e o ódio ao diferente.

De acordo com reportagem da *Folha de São Paulo*, publicada em 13/03/2023, *Mulher é retirada de vagão após ofender casal gay no metrô de São Paulo*, a mulher de 66 anos agrediu verbalmente um casal de homens. As vítimas tinham 22 e 27 anos. Segundo a matéria, o caso ocorreu no dia 09/03/2023, vídeos registrados por passageiros mostram o momento em que sentada de frente para o casal, a mulher se mostra incomodada e pede para que eles leiam a Bíblia, alegando se tratar de um conselho de mãe. No momento se inicia uma breve discussão entre ela e o casal, e a mesma diz: "se eu fosse [louca] eu matava vocês. Matava um monte aí".

A mulher se baseou em preceitos religiosos para mostrar o horror que ela tem do corpo gay. A mesma sente a necessidade de “consertar” o comportamento que foge à norma daquilo que ela espera como atividade a ser desempenhada pelo corpo de um homem. Há claramente aqui, mais uma vez, a necessidade de reflexão de como esses veículos de divulgação massiva podem influenciar na subjetividade de cada um.

Tem crescido uma defesa muito forte de fundamentos religiosos radicais, proliferação de *fake news*, e uma defesa forte de uma liberdade de expressão que é utilizada muitas vezes para proliferar discursos de ódio e repulsa a corpos não normativos. Vem se modificando os dispositivos e o impacto que isso pode causar em um mundo onde a globalização impera. Discursos aparentemente isolados, como a repulsa ao corpo gay, passam a uma dimensão de defesa massiva, assumindo novamente o caráter de normalidade e afastamento do cerne do problema, a materialização dos corpos.

Uma pesquisa veiculada pelo *Estadão*, em 19/10/2020, intitulada *Capacitismo: pessoas com deficiência explicam o que é e como evitá-lo*, expõe dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, os quais apontam que cerca de 24% da população – 46 milhões de brasileiros – têm algum tipo de deficiência. Outro levantamento do IBGE, com outra metodologia, aponta que existem 13 milhões de pessoas com deficiência (pouco mais de 6% da população brasileira) no Brasil. No mercado de trabalho, porém, existem apenas 440 mil profissionais com deficiência em trabalhos formais.

Apesar do levantamento ser de 2010, ele exemplifica bem o que Butler aborda no aspecto dos corpos sem materialidade. O capacitismo quando se trata de corpos deficientes é mais uma forma de abjeção, de invisibilização, marginalização do corpo ao qual se tem repulsa, e ao qual o



agressor sente a necessidade de estar o mais longe possível do ser observado. Estes corpos sofrem com o capacitismo no dia a dia, com olhares e tratamentos diferentes.

No mercado de trabalho não é diferente, nem mesmo com o avanço tecno-científico no mundo globalizado o preconceito parou de ocorrer. O corpo deficiente é sempre julgado como incapaz, e às vezes nem julgado é, ele é simplesmente invisibilizado, tratado como um corpo sem matéria. Essa é uma clara definição do que é o abjeto para Butler, é um ser humano considerado inexistente que foi produzido, mas não possui materialidade, pois é invisibilizado, é impensável, ou seja, é um corpo que não importa. Isso ocorre por conta de uma teia de discursos historicamente perpetuados por diversos dispositivos de controle que estereotipam o tipo ideal de corpo que está atrelado de maneira direta à tradição ocidental.

Os dados citados anteriormente são apenas para exemplificar o movimento de violência àqueles corpos que Butler coloca como abjetos, sendo os que sofrem maior impacto socialmente. Esses estão construídos historicamente por dispositivos que vêm criando formas de se perpetuar e se imporem sobre os corpos. As mídias sociais são dispositivos de imposição e disseminação de discursos normativos de forma massiva. A globalização, ao invés de solucionar estes problemas com sua capacidade de interligar diferentes culturas, estabelecendo diálogo entre diferentes povos, teve o efeito contrário. Movimentos de ataque a pessoas de corpo preto, a corpos deficientes, corpos de mulheres, aos corpos LGBTQIAPN+, estão cada vez mais explícitas e predominantes.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo principal abordar o problema da materialização dos corpos e expor de modo objetivo o Butler propõe. A materialização dos corpos é exatamente o tratamento que esse corpo sofre socialmente, como ele se constitui no campo social, e esta constituição está ligada diretamente aos diversos discursos reproduzidos historicamente.

A dimensão do poder, para Foucault, é fundamental para se entender as relações interpessoais no âmbito social. E quando esse poder está agindo sobre o sexo, de acordo com Butler, ele pode formar subjetividades. É através do 'sexo' que se constrói o gênero e todo o esquema corporal que se imerge o indivíduo.

Ao se tratar de corpos abjetos no cenário globalizado, os corpos abordados sofrem nesse lugar de abjeção definido por Butler. Eles se tornam ausentes da dinâmica social, invisibilizados nas diversas esferas sociais, e odiados pelos agentes sociais. É isto que a autora está definindo como



corpos sem materialidade, são corpos produzidos e existentes na dimensão física, mas no âmbito social são mantidos distantes de todos os discursos e da própria individualidade do ser objeto.

No que tange a globalização, a problematização que se coloca é referente ao poder que diversos discursos, inclusive discursos de ódio, têm de propagação incalculável, e os efeitos que isto pode causar na sociedade hodiernamente e futuramente. Como coloca Foucault, os discursos têm vários sentidos para diferentes indivíduos. Portanto, em um cenário globalizado onde quase todas as pessoas têm acesso à informação, alguns com grau de instrução mínimo, sobre tecnologia da informação e com a incidência de várias notícias falsas, o grande problema é realmente concluir se a globalização é um ponto positivo ou negativo nesse cenário, a partir da perspectiva de Judith Butler de materialização dos corpos.

## Referências

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. *Feminicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo*. G1 São Paulo, São Paulo, 07, dezembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/feminicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contr-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo*. Crocodilo edições. 1ª ed. São Paulo, 2019.

*Capacitismo*: pessoas com deficiência explicam o que é e como evitá-lo. Estadão, 19, outubro de 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/capacitismo-pessoas-com-deficiencia-explicam-o-que-e-e-como-evita-lo/>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

CARVALHO, Cleide. *Brasil registrou 256 mortes violentas de LGBTQ+ em 2022, mostra Grupo Gay da Bahia*. O Globo, Rio de Janeiro, 19, janeiro de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-registrou-256-mortes-violentas-de-lgbt-em-2022-mostra-grupo-gay-da-bahia.ghtml>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Paz e terra Ltda. 5ª ed. Rio de Janeiro, 2017.

GODOI, Ana Clara. *Uma em cada três crianças com deficiência já sofreu violência*. Observatório do Terceiro Setor, São Paulo, 08, dezembro de 2022. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/uma-em-cada-tres-criancas-com-deficiencia-ja-sofreu-violencia/#:~:text=Uma%20a%20cada%20tr%C3%AAs%20crian%C3%A7as,e%20adolescentes%20em%2025%20pa%C3%ADses>. Acesso em: 23, Mar. 2023.



HUHNE, Leda Miranda. *Ética*. UAPÊ espaço cultural barra, SEAF- sociedade de estudos e atividades filosóficas, 1997.

LUCCA, Bruno. *Mulher é retirada de Vagão após ofender casal gay no metrô de SP*. Folha de São Paulo, São Paulo, 13, março de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/mulher-e-retirada-de-vagao-apos-ofender-casal-gay-no-metro-de-sp.shtml>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

OKUMURA, Renata. *Universitária é morta após ser estuprada e ter pescoço quebrado em calourada no Piauí, diz polícia*. Estadão, 30, janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/estudante-da-ufpi-estuprada-vitima-de-feminicidio-no-piaui-nprm/>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

PLATÃO. *A república*. La fonte. São Paulo, 2017.

PRINS, Bauke; NEIJER, Irene Cortera. *Como os Corpos Viram à Matéria: Uma entrevista com Judith Butler*, em Signs: Journal of Women in Culture and Sociedade, v. 23, n. 2, pág. 275-286, 1998.

*Racismo contra Vinícius Júnior: veja tudo sobre o caso*. Ge, Madri, 24, maio de 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia – do humanismo a Kant*. Paulus, 2ª edição, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. *História da filosofia – Filosofia Pagã Antiga*. Paulus, 2003.

SILVA, Gustavo. *Negros tem 350% mais chances de serem mortos por arma de fogo*. Veja, São Paulo, 21, novembro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/negros-tem-350-mais-chances-de-serem-mortos-por-arma-de-fogo/>. Acesso em: 23, Mar. 2023.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PICHONI, Marina; FARIAS, Victor. *Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma morta a cada 6 horas*. G1, 08, março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

*Vereador de Caxias do Sul que faz discurso contra baianos é expulso de partido*. G1 Rio Grande do Sul, 01, janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/01/vereador-de-caxias-do-sul-que-fez-discurso-contra-baianos-e-expulso-de-partido.ghtml>. Acesso em: 16, Ago. 2023.

**Recebido: 18/08/2023**

**Aceito: 01/02/2024**